

**TRÊS LEMAS, DUAS LUTAS, UM FLAGELO:  
GALÍCIA E QUEIMADOS**

*Phellipe Marcel da Silva Esteves (UERJ e UFRJ)*

**SIMILARIDADE DESCOBERTA**

Se as camadas populares querem afirmar sua política, seu projeto de outra sociedade, é necessário que estas o difundam. Que o divulguem e o espalhem entre milhares e milhões. Sem isso, o sonho de um “outro mundo possível” não passa de uma veleidade. (Giannotti, 2004: 149)

Em seu célebre *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Mikhail Bakhtin lança uma máxima já apregoada aos sete ventos, mas que merece ser repetida: *O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes* (Bakhtin, 1997: 46). Sabe-se que a significação pode ser compreendida como a possibilidade de *desprendimento* entre o que pode ser apreendido pelos sentidos do receptor e o que é expresso pelos sentidos do emissor. Fique dito: o signo faz parte de um conjunto de ferramentas comunicativas (Berger & Luckman, 1976: 53-60).

Essa concepção de que a comunicação, a informação e a significação imiscuem-se com a organização social consonam com a epígrafe acima. Giannotti, em seu livro *Muralhas da Linguagem*, defende que a contra-hegemonia deve partir da linguagem: a camada popular que deseja se livrar do domínio de outrem só alcança seu intento com a chegada, ao mesmo tempo, aos seus pares pelas palavras. Nesse livro, a comunicação é ressaltada, mas este artigo vai demonstrar, em diferentes momentos históricos e comunidades, a importância da representação genérica, seja ela pelo jornalismo, pelas artes, pelo rádio etc.

O título do artigo adianta que ele não trata apenas de um caso na argumentação. Entrecruzam-se, a seguir, três movimentos, duas comunidades e uma dificuldade comum: a repressão<sup>12</sup>. A poesia de Rosalía de Castro, na segunda metade do século XIX; a arte de Alfonso Daniel Rodríguez Castelao, até meados do século XX; e o tra-

---

<sup>12</sup> Considerando-se que essas repressões compartilham da mesma origem: a ordem pública (Governo, setores da sociedade etc.).

balho da Rádio Novos Rumos, a partir de 1991, distinguem-se em lemas, compõem-se em duas lutas<sup>13</sup> mas se encontram no flagelo da ilegalidade imposta à expressão das culturas que representam. Nesse sentido, os artistas e a rádio desfrutam de uma mesma direção: opor-se ao opressor. Por isso, enquadram-se no conceito de minoria defendido por Muniz Sodré:

Em Kant, maioridade é *Mündigkeit*, que implica literalmente a possibilidade de falar. Münd significa boca. Menoridade é *Unmündigkeit*, ou seja, a possibilidade de falar. Menor é aquele que não tem acesso à fala plena [...]. (Sodré, 2005: 11)

Contudo, para além de ser essa impossibilidade de falar, na ótica de Sodré a minoria ainda implica uma não – estaticidade: “Pois bem, minoria é uma recusa de consentimento, é uma voz de dissenso em busca de uma abertura contra-hegemônica no círculo fechado das determinações societárias”. (Sodré, 2005: 14)

Rosalía, Castelao e a Rádio Novos Rumos são exemplos dessas vozes dissonantes – *de dissenso*, como afirma Sodré – em seus espaços e tempos. Os dois primeiros empreendem uma tentativa de revalorização da cultura e da língua galegas<sup>14</sup>. Ambas foram predominantes na região, ao noroeste da península ibérica, até o início do século XVI, aproximadamente. Mas esses traços da Galícia sofreram opressão da coroa espanhola, o que gerou, depois de centenas de anos, esquecimento das raízes e desprezo, mesmo entre os galegos, pelas tradições internas. Essa situação se inicia de forma grave já no final do século XV, quando Isabel - a Católica, procedida pelos Reis Católicos, impõem uma série de medidas enquanto no governo de Castela:

- A classe dirigente da sociedade galega é substituída por gente de fora;
- Adoção do sistema castelhano de pesos e medidas;

---

<sup>13</sup> Pela autonomia da Galícia – nos casos de Rosalía de Castro e Castelao – e pela reivindicação de melhorias na qualidade de vida local – no caso da Rádio Novos Rumos, em Queimados (Baixada Fluminense, estado do Rio de Janeiro).

<sup>14</sup> Cuja participação em movimentos literários foi extremamente importante. O galego, até o Trovadorismo e as novelas de Cavalaria, é a Língua Portuguesa, cogita-se. (Mato & Sánchez, 1998)

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

- Proibição de todo tipo de ligas, confederações, confrarias, reuniões numerosas em casamentos, enterros ou batizados;
- A partir de 1480, os escrivões públicos galegos têm de ser avaliados pelo “Real Conselho” em Toledo, mudando os seus formulários galegos pelos castelhanos. (Mato & Sánchez, 1998: 20-21)

Tendo em vista essas dificuldades iniciais seculares que mudaram mesmo os costumes da nobreza galega – que se interessou em logo aprender castelhano, pois assim poderia continuar frequentando os espaços exclusivos reservados a esse estrato social -, subentende-se que foi inviabilizado um progresso de maior penetração da cultura na comunidade. Essa atitude protecionista ao castelhano e promotora de não-oficialidade do galego culminou nos chamados Séculos Escuros, que se estendem do século XVI ao século XVIII. Neles, não há quase nenhum registro de literatura galega em prosa, verso, ciência ou qualquer outro tipo textual.

Não se podem generalizar, mesmo com seu caráter de retomada da cultura galega, as obras de Rosalía e Castelao como um único projeto de literatura. Os momentos históricos em que cada trabalho se circunscribe são tomados por um forte galeguismo<sup>15</sup>, mas em fases diversas. Os lemas / propostas / defesas de cada um serão vistos nos títulos *Lema 1* e *Lema 2*.

Para compreender, também, um pouco do que são as contestações feitas pela Rádio Novos Rumos, há de se entender um pouco da história do município de Queimados: *em 1944, sob o Decreto-Lei Estadual n.1063, Queimados passa a ser o segundo Distrito de Nova Iguaçu*, informa documento elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Segundo o órgão, a cidade tem esse nome por um infortúnio:

Com a expansão da economia cafeeira, em meados do século XVIII, foi construída a Estrada de Ferro D.Pedro II, trazendo mais prosperidade a região. O projeto inicial desta ferrovia previa a extensão dos trilhos até a Freguesia de Nossa Senhora de Belém e Menino Deus, atual Jacutinga, que chegou a construir um prédio para sediar a estação. Porém, milhares de operários chineses, construtores da estrada, foram vitimados tanto pela Malária quanto pela epidemia de cólera, que arrasou toda a Colônia, em 1855. (IBGE, 2005)

---

<sup>15</sup> Galeguismo é o próprio sentimento direcionado à revitalização da cultura galega.

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

Como era costume dos chineses a cremação dos corpos de seus compatriotas, o lugar passou a ser conhecido como a “Estrada dos Queimados”. Uma tragédia serve de pia de batismo para a cidade, que só se emancipa de Nova Iguaçu em 21 de dezembro de 1990 pela Lei Estadual n.1773.

Ritmada pelo gancho da emancipação, surge a Rádio Novos Rumos em fevereiro de 1991, como a primeira rádio genuinamente<sup>16</sup> comunitária no Brasil. Luana Luz, pesquisadora do Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária, da UFRJ, produziu um relatório sobre a 101,7 FM do município de Queimados:

A inauguração pública da rádio, que reuniu mais de duas mil pessoas no ginásio do Queimados F.C., ocorreu no dia 9 de maio de 1991. Contudo, seis dias depois, fiscais do **Departamento Nacional de Telecomunicações (Dentel)** e agentes da Polícia Federal apreenderam todos os equipamentos e suprimentos da emissora. Segundo o site da rádio, o governo local e os proprietários de emissoras comerciais estariam por trás desta intervenção [...] Desde então, foram quatro anos sem transmissão e de várias manifestações de repúdio ao fechamento (em Queimados, no Rio e em Brasília). (Luz, 2006: 1-2)

Apenas em 13 de maio de 1995 a Rádio Novos Rumos voltou a funcionar, depois de negociações com o governo federal e da criação de uma Comissão Mista que estudasse a regulamentação das rádios comunitárias brasileiras. A aceitação foi imensa: *Em setembro 95, com apenas quatro meses no ar, uma pesquisa do IBOPE apontava a Novos Rumos como a terceira rádio mais ouvida na cidade, perdendo apenas para a Melodia FM e a Globo AM* (Luz, 2006: 2). Ainda assim, a abertura de processos, proibições e carência de discussões sobre o veículo comunitário pelo governo afetam o funcionamento da Novos Rumos, em más condições financeiras hoje. 2006.

### *Lema 1 – Rosalía de Castro*

[...] em qualquer comunidade de fala, podemos observar a coexistência de um conjunto de variedades lingüísticas. Essa coexistência, entretanto, não se dá no vácuo, mas no contexto das relações sociais estabelecidas pela estrutura sociopolítica de cada comunidade. Na realidade

---

<sup>16</sup> Outras rádios supostamente comunitárias foram instaladas antes no país, mas nenhuma gerida diretamente pela comunidade.

objetiva da vida social, há sempre uma ordenação valorativa das variedades lingüísticas em uso que reflete a hierarquia dos grupos sociais. Isto é: em todas as comunidades, existem variedades que são consideradas superiores e outras inferiores. (Alkmin, 2003: 39)

Tânia Maria Alkmin, nesse trecho de seu artigo chamado **Sociolingüística – Parte I**, define pontos imprescindíveis para o entendimento da luta de Rosalía de Castro pelo uso de sua língua como escrita de cultura. Por séculos, o galego foi relegado como um idioma “natural”, popular, que nunca antes impressionara leitores com livros, poesia, novelas. Claramente uma variante desprestigiada entre as presentes na península ibérica. A repressão feita pelo governo castelhano dava a impressão aos galegos de que o que falavam era uma variedade ágrafa da língua oficial espanhola. Daí Alkmin declarar que a coexistência de variedades lingüísticas não se dá no vácuo, *mas no contexto das relações sociais estabelecidas pela estrutura sociopolítica de cada comunidade*. Sendo assim, na Galícia do século XIX<sup>17</sup>, o galego era suprimido a uma variedade não valorizada e de uso meramente coloquial. Rosalía de Castro inova e introduz o uso do galego moderno de forma escrita ao publicar a antologia *Cantares Galegos*, em 1863. Avançando fora do caminho meramente reprodutivo da língua, ela busca uma contemplação etnográfica de sua cultura:

Rosalía expressa naturalmente todo o sentimento de seu povo e chega a ser definida por muitos como a encarnação da alma popular da Galícia, povo inclinado às crenças ultraterrenas e preocupado pelo “más alá”. (Martínez, 2002)

Uma guinada para a consideração do galego como língua de cultura. Foi esse o intento de Rosalía, que ainda se pensa como não merecedora de tal “reinauguração” do potencial galego no prólogo de *Cantares Gallegos*:

Mais naide ten menos que eu teño as grandes cualidades que son precisas pra levar a cabo obra tan difícil, anque naide tampouco se puido achar animado dun mais bom deseo pra cantar as bellezas da nosa terra naquel dialecto soave e mimoso que queren facer bárbaro os que non saben que aventaxa ás demais línguas em dosura e harmonia. (Castro, 1960:: 263)

---

<sup>17</sup> E, presume-se, até hoje. É o que será apresentado no título *O Flagelo*.

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

Há, nos versos e mesmo no prólogo do livro de Rosalía, um grande ufanismo às belezas naturais que a Galícia leva vantagem sobre Castela, antigo reino que, segundo a humilde escritora, esbanja em prosperidade, mas é pobre em rios, ervas, relevo etc.; tudo aquilo de que a Galícia se orgulha e é deixado para trás por imigrantes que, empobrecidos, abandonam a região e, segundo o lirismo de Castro, se arrependem. O lema de Rosalía, poder-se-ia defender, é **incentivar seu povo e todos os outros povos a conhecerem as belezas da língua, da cultura e da região galegas**, já menosprezadas por séculos. Xosé Ramón Freixeiro Mato e Anxo Gómez Sánchez afirmam, como se tomassem a personagem “Língua Galega” para si, em primeira pessoa:

Co libro de Rosalía de Castro convertereime en lingua dunha obra (integralmente en galego) de auténtica calidade literaria, que inaugura o pleno Rexurdimento da nosa literatura e dá paso á segunda xeración galeguista. (Mato & Sánchez, 1998: 41)

### *Lema 2 – Alfonso Castelao*

Ainda que fosse um dos mais importantes movimentos de renovação e reconhecimento da cultura galega dos últimos séculos, a poesia de Rosalía e a obra / luta de seus contemporâneos ainda se encontravam num patamar regionalista. Ainda em primeira pessoa do singular: *A reivindicación da miña dignidade vai estar no sucesivo vinculada co galeguismo e o nacionalismo [...] Esta xeración* (referem-se os autores ao grupo que organizou a revista Nós) *propúxose, e abofé que o conseguiu, potenciar e modernizar a cultura galega, procurando tirarlle o exceso de localismo, ruralismo e costumismo que até entón a caracterizaba* (Mato & Sánchez, 1998: 44). Um dos mais importantes organizadores da referida revista – Nós – é Alfonso Castelao, e a publicação começa a circular em 1920. Sua intenção é divulgar não apenas a qualidade da língua galega para a literatura poética, artística; como também consagrar seu uso para todas as áreas do conhecimento em que qualquer outro idioma atua de forma escrita.

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A arte de Castelao não se restringe à literatura. Também fez gravuras, pinturas<sup>18</sup> e se engajou profundamente na reivindicação política de seus compatriotas galegos. Assim como em Rosalía, havia um tom pessimista, porém muito mais sarcástico em Alfonso:

Chámánlle a “Marquesiña” e os seus peños endexamais se calzaron.  
Vai á fonte, depelica patacas e chamánlle a *Marquesiña*.  
Non foi á escola por non ter chamba que pór, e chamanlle a *Marquesiña*.  
Non probou mais lambetadas que unha pedra de zucre, e chamánlle a *Marquesiña*.  
A súa nai é tan probe que traballa de xornaleira na casa do Marqués.  
E aínda lle chaman a *Marquesiña*. (Castelao, 2006, Disponível em: [www.manuelrivas.com/cousas](http://www.manuelrivas.com/cousas))

Nessa curta sátira, Castelao enfatiza e ironiza os casos extra-conjugais e os pobres bastardos surgidos deles. Muito poderia ser dito sobre o suposto lema de Castelao. Contudo, de forma sintética (seguindo a tradição do artista galego), uma declaração seria sensata: **Castelao busca, em seu trabalho, uma divulgação do galego enquanto língua oficial e que pode expressar qualquer mensagem. Sua preocupação também está em torno da justiça, da religião, do que é corriqueiro.** Ainda assim, o número de falantes de galego diminui desverteiginosamente em detrimento do aprendizado do castelhano. (Mato & Sánchez, 1998: 48)

Castelao e Rosalía, em comunhão, representam uma das lutas afirmadas no título desse artigo. O lema e a luta restantes empreendem-se pela Rádio Novos Rumos, tratada a seguir:

### *Lema 3: a própria reivindicação da Novos Rumos*

De acordo com o relatório de Luana Luz sobre a Rádio Novos Rumos, o estatuto do veículo de comunicação estabelece dois tipos de programas: comunitários e sectários.

A diferença reside basicamente no fato de que os comunitários estão abertos para a veiculação de qualquer conteúdo que o membro da comunidade queira veicular. Enquanto isso, nos sectários

---

<sup>18</sup> Muitas vezes de forma integrada uma à outra, como é o caso da publicação *Cousas*, de 1926 – 1929.

se incluem os programas *religiosos, institucionais ou doutrinários (aqueles que visam divulgar matérias e idéias de interesse de um determinado setor ou segmento da comunidade)* (Luz, 2006: 9). Na primeira espécie de programa, é obrigatória a presença de até dez minutos por hora de propaganda que custeie o programa. Na segunda, o programador pode se negar a fazer anúncios que creia prejudicar seus interesses, a não ser que o conteúdo funcione como utilidade pública. Sobretudo, a Novos Rumos permite que qualquer pessoa, além de ter espaço na rádio, acesse suas instalações que estão de portas abertas em horário comercial<sup>19</sup>, invariavelmente, e à noite em alguns dias.

A gente não tem a pretensão, pelo menos no meu ponto de vista, de ver a Rádio Novos Rumos com relação Brasil. [...] Toda a produção é feita pela comunidade e para a comunidade. [...] Não deixamos, porém, de dar notícias, tanto nacionais quanto de comunidades vizinhas. [...] A gente tem que dar notícias [...] tanto [...] de dentro de Queimados e da Baixada Fluminense quanto de fora. [...] Deixar de dar notícias de fora da comunidade [...] é uma forma de alienação, e esse não é o sentido da rádio comunitária, pelo menos da Novos Rumos. (Mesquita, 15/01/2006)

Neste depoimento, Walter Mesquita pode atestar outro lema caro a este artigo: *a Novos Rumos trata de informar de maneira crítica não só o que acontece na comunidade de Queimados e redondezas. Seus objetivos contêm, também, um olhar pautado na auto-gestão e na participação de quem se interessa pela rádio.* Seu lema, com efeito, coincide com sua luta: a recuperação dos laços comunitários e a melhoria da própria comunidade.

### *O Flagelo de Rosalía e Castelo*

Importantes, mas indesejados. Essa frase pode sumarizar o flagelo que aflige os dois artistas galegos e a Rádio Novos Rumos. Rosalía, envolvida em uma série de especulações sobre sua sexualidade, filiação, partidarismo etc., era uma precursora do movimento feminista no final do século XIX. Suas palavras, ao mesmo tempo que renderam ao galego uma faceta literária, reverteram à autora

---

<sup>19</sup> Desde que houve a reinauguração.

grande indisposição com setores da sociedade. Castro representava o contra-senso.

Castelao, por sua vez, foi exilado e incômodo para o governo franquista, já que sempre se manteve em posição esquerdista. Na ocasião de sua morte, em 1950, o governo mandou a seguinte orientação aos jornais:

Habiendo fallecido en Buenos Aires el político republicano y separatista gallego Alfonso Rodríguez Castelao se advierte lo siguiente: La noticia de su muerte se dará en páginas interiores y a una columna. Caso de insertar fotografía, esta no deberá ser de ningún acto político. Se elogiarán únicamente del fallecido sus características de humorista, literato y caricaturista. Se podrá destacar su personalidad política, siempre y cuando se mencione que aquella fue errada y que se espera de la misericordia de Dios el perdón de sus pecados. De su actividad literaria y artística no se hará mención alguna del libro "Sempre en Galiza" ni de los álbumes de dibujos de la guerra civil. Cualquier omisión de estas instrucciones dará lugar al correspondiente expediente.<sup>20</sup>

Vislumbra-se uma especial preocupação com a imagem de que Castelao foi um homem pouco virtuoso. Essa tentativa fere o caráter do artista, que lutou incessantemente pela sua nacionalidade.

### *Flagelo enquanto encontro de diferenças – Novos Rumos*

A luta por uma nova cultura significa a superação do folclore como vida cultural inorgânica e servil das massas populares, mas pressupõe, também, no nosso entender, a conservação de uma dimensão ineliminável dessa "concepção de mundo": a sua perspectiva implícita e potencialmente contra-hegemônica.[...] A tarefa das massas em sua luta pela hegemonia política e ideológica é a de combater o mosaico de tradições conservadoras presentes no senso comum e definir sua própria "filosofia". Tarefa da "organização da cultura", que depende fundamentalmente da articulação orgânica entre o povo e os intelectuais. (Coutinho, 2005: 96-97)

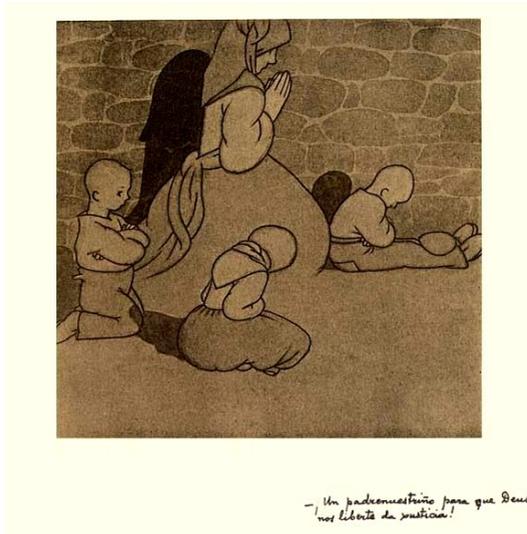
Ora, se não é a Figura 1, trabalho de Alfonso Castelao publicado em seu álbum Nós, de 1932, um exemplo do que Coutinho – professor da Escola de Comunicação da UFRJ – pontua na citação acima, nada mais é. Fazer um deslocamento entre a crença da justiça divina e a descrença da justiça dos homens em um pedido ao Deus

---

<sup>20</sup> <http://www.museocastelao.org/morte.html>. - Link: A censura española.

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

cristão, extremamente presente na cultura galega, é, no mínimo, cumprir a tal “tarefa das massas populares” defendida por Eduardo Coutinho acima. Potencializa a possibilidade de superação do folclore, mas continuação de um viés tradicional que nunca pode ser esvaír. Esse formato artístico se torna quase um dos padrões de Castela, que ironiza, muitas vezes, campos fora de religião e política, como costumes populares, organização social etc. Infelizmente as gravuras e os curtos textos do Alfonso não atingiram massas suficientes a ponto de mobilizar a Galícia em torno de um retorno crítico às origens para se igualar à cultura hegemônica: castelhana.



**Figura 1:** —; *Un padrenuestriño para que Deus nos liberte da xusticia!*

Rosalía de Castro, mesmo um século antes e com seu galeguismo meramente provinciano, também consegue converter alguns costumes comunitários em crítica, inserindo ditados e versos populares em seus poemas. Um exemplo de reinterpretação poética:

*San Antonio bendito,  
Dádeme home,  
anque me mate,  
anque me esfole.* (CASTRO, 2006, do site [www.arlindo-correia.com/](http://www.arlindo-correia.com/))

Os dados versos de Cantares Gallegos são seguidos por pedidos – feitos por uma solteira – por um marido a Santo Antônio, tradicionalmente considerado casamenteiro. Apesar das súplicas, um ligeiro caráter cômico perpassa o discurso poético. O eu-lírico critica a postura enganadora de seus pretendentes: *Eu sei dun que cobisa / causa miralo, / lanzaliño do corpo, / roxo e encarnado. / Carniñas de manteiga, / e palabras tan doces / cal mentireiras*. A conclusão de Rosalía, nesta estrofe, é o célebre ditado da língua portuguesa com correspondências em tantos outros idiomas: *As aparências enganam*.

Castelao e Rosalía são duas instâncias da reformulação cultural na Galícia. Contudo, dessa forma não obtiveram total sucesso em seus lemas. Não obstante, inspiraram as gerações vindouras a acreditarem, quando interesse fosse, que sua cultura e sua língua nada têm de inferiores.

A Rádio Novos Rumos também se inclui no flagelo, sofrido pelos galegos, mas também vivenciado na Baixada. Foi fechada por quatro anos graças às leis brasileiras não discutirem com qualidade o assunto da mídia comunitária. Sobre o assunto, o locutor do programa comemorativo de 15 anos da Novos Rumos afirma:

Como surgiu o nome da Rádio Novos Rumos, né? A gente sabe que a grande mídia é uma grande concentradora e ela não aceita as rádios comunitárias. Porque eu acho que o povo ainda anda oprimido, ainda é oprimido por essas grandes redes, né? [...] Ela veio exatamente pra isso, pra dar vez e voz a essas pessoas. (*Rádio Novos Rumos*, fev. de 2006)

Como se cegar, portanto, diante da opressão à cultura comunitária em detrimento de interesses meramente econômicos e oligopolistas? O poder contra-hegemônico desagrada e assusta os mantenedores das grandes empresas. O site da própria instituição afirma: *enquanto o Ministério das Comunicações for uma sucursal da A-BERT<sup>21</sup> não haverá paz para as rádios comunitárias. Somente um governo popular, comprometido com a democracia na comunicação porá fim a essa perseguição insana às nossas emissoras comunitárias*. Contudo, a exemplo dos símbolos galegos estudados nesse artigo, pode-se afirmar que apenas esperar por governos democráticos em nada ameniza a situação. Talvez, e muito talvez, a solução per-passe pelos argumentos de Coutinho, mas com acréscimos: reorgani-

---

<sup>21</sup> Associação Brasileira de Empresas de Rádio e Televisão.

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

zação dos produtos culturais (já promovida pela Novos Rumos, que se envolve com toda sorte de eventos na cidade) que permitam integração fortuita entre povo e intelectuais, *também promovendo a vinculação entre Comunicação Social, Arte e todo texto contra-hegemônico que colabore com a desvinculação dominado-dominante*. Nesses moldes, quiçá as seculares tentativas de valorização de cultura local genuína sucedam... E rendam divisas.

### *Agradecimentos*

O presente trabalho só foi possível graças a duas distintas influências: as aulas de Literatura Galega – ministradas pelo professor Baltasar Pena Abal, do PROEG-UERJ –, e a convivência no Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária, da UFRJ. Ambos foram relevantes para o pensar numa interseção temática, numa concatenação histórica e numa comparação de casos do além e aquém mar. Agradeço, pois, às contribuições teóricas e à prática de rigor científico adquiridas nas duas experiências.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALKMIN, Tânia Maria. Sociolingüística: Parte I. **In:** MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2003. (v. 1).
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 8ª ed. São Paulo: EDITORA HUCITEC, 1997.
- BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. A linguagem e o conhecimento na vida cotidiana. **In:** —. *A Construção Social da Realidade*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1976 p. 53-60.
- CASTRO, Rosalía de. *Obras completas*. Edición de V. García Marti. Madrid: Aguilar, 1960.
- COUTINHO, Eduardo Granja. Os Sentidos da Tradição. **In:** PAIVA, Raquel e BARBALHO, Alexandre (Orgs.). *Comunicação e Cultura das Minorias*. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2005.
- GIANNOTTI, Vito. *Muralhas da Linguagem*. 1ª ed. Rio de Janeiro: MAUAD, 2004.

LUZ, Luana Pereira. *Rádio Novos Rumos*. [inédito]. Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária, 2006.

ÁLVAREZ MARTÍNEZ, Susana. Mito e sombra. Luz e forma: Rosalía de Castro. **In:** *Congresso Brasileiro de Hispanistas*, 2., 2002, São Paulo. Associação Brasileira de Hispanistas, Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000012002000200043&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000012002000200043&lng=en&nrm=abn)>. Acesso em: 10 de Setembro de 2006.

MATO, Xosé Ramón Freixeiro & SÁNCHEZ, Anxo Gómez. *Historia da Língua Galega*. 2ª ed. Galícia: A Nosa Terra, 1998.

SODRÉ, Muniz. Por um Conceito de Minoria. **In:** PAIVA, Raquel e BARBALHO, Alexandre (orgs.). *Comunicação e Cultura das Minorias*. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2005.

<http://www.museocastelao.org/morte.html>

<http://www.los-poetas.com/k/biorosa.htm>

<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riodejaneiro/queimados.pdf>

<http://www.manuelrivas.com/>

<http://www.museocastelao.org/albumnos/index.html> - Álbum *Nós*, editado em 1931.

[www.vivafavela.com.br/radio/novosrumos/index2.htm](http://www.vivafavela.com.br/radio/novosrumos/index2.htm)

### *Entrevista*

MESQUITA, Walter. Diretor de Comunicação Social da Rádio Novos Rumos. [inédito]. Entrevista feita em 15/01/2006.